

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

**A RESSIGNIFICAÇÃO DO LUTO NO CONCEITO DE TRANSITORIEDADE
PSICANALÍTICO FREUDIANO¹
THE RESIGNIFICATION OF THE MOURNING IN THE FREUDIAN
PSYCHOANALYTIC TRANSITORY CONCEPT**

Vanessa Carolina Schlindwein², Gabrieli De Camargo³

¹ Artigo referência à Disciplina de Estrutura e Sujeito Psíquico no curso de Psicologia da Unijui 2019/01.

² Bacharelada em Psicologia pela UNIJUI 2019/01. Email: vaneschli@hotmail.com .

³ Bacharel em Relações Internacionais e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos pela Unijui 2019/01. Bolsista CAPES/FAPERGS. Email: gabrieli_camargo@outlook.com .

INTRODUÇÃO

Este resumo expandido, tem como propósito elaborador, compreender a ideia de transitoriedade constituído por Sigmund Freud, emancipando sobretudo neste trabalho, a explanação descritiva no romance de Milan Kundera em a Insustentável Leveza do Ser. Vislumbrar a literatura de Kundera como um aspecto notório a ser trabalhado, na qual se consagra internacionalmente pelo apelo reflexivo do conceito 'eterno retorno' de Friedrich Nietzsche, a obra nos conduz a compreender que na vida, tudo há de retornar, sobre os ciclos que se tornam repetitivos, como por consequência das faces complementares, múltiplas mas únicas de própria realidade, tal como o luto e a guerra. Assim, constatando acerca a temporalidade que se condiz infinitamente e as combinações de forças que são múltiplas em conflitos de realidade únicas e finitas, em dado momento - futuro - os mesmos fatos tendem a se repetir infinitas vezes, retornando indefinidamente. Nesse sentido, trabalhar com a obra inteira do autor se mostra impossível para um resumo expandido, aqui, nos delimitaremos a apurar o primeiro fragmento da obra enunciando a persona de Thomas, retratando com mais apreço os nosso objetivo. Por consequência disso, este resumo tem como objetivo central, abordar o conceito de transitoriedade elencado por Freud na passagem do fragmento sobre o luto de Thomas por Kundera. Nessa concepção, nos questionamos: como o luto se ressignifica dentro da lógica da transitoriedade?

METODOLOGIA

Constituiu-se através da técnica de revisão bibliográfica de base filosófica e psicanalítica, baseada em dois autores referência: Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud. Através da análise referencial, se propôs compreender estes conceitos - transitoriedade e luto - dentro do texto-fragmento de Milan Kundera. Assim, se aplica o método hipotético-dedutivo para aplicação de caso analítico de abordagem construtivista.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Não há muito, eu próprio me defrontei com o fato: parece incrível mas, ao folhear um livro sobre Hitler, comovi-me

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

com algumas das suas fotografias; **[faziam-me lembrar a minha infância]** passada durante a guerra; **[diversas pessoas da minha família morreram]** nos campos de concentração dos nazistas, mas **[o que eram essas mortes]** comparadas com uma fotografia de Hitler que me fazia lembrar um **[tempo perdido da minha vida]**, um tempo que nunca mais há-de voltar? Esta minha reconciliação com Hitler deixa entrever a **[profunda perversão inerente ao mundo fundado essencialmente sobre a inexistência de retorno]**, porque nesse mundo tudo se encontra previamente perdoado e tudo é, portanto, cnicamente permitido (KUNDERA, 2008, p.10).

Ao discorrer sobre a leitura-fragmento de Milan Kundera (2008) na sua obra 'A insustentável leveza do ser' vislumbra-se o sujeito - eu, em primeira pessoa, Thomas - em uma passagem de reconhecimento simbólico através de fotografias - linguagem visual - no qual através do tato, relembra a personificação simbólica de Hitler no seu passado. Com a lembrança, comove-se ao relembrar através de um símbolo, passagens passadas, da sua própria infância, da presença inconsciente da morte de seus entes, e conseqüente, do seu próprio luto. Esse tempo perdido, da sua infância, lembra-se pouco, inconstantes momentos - onde a saudade se faz presente, o qual esse tempo passado, nunca irá voltar; porém, no decorrer do trabalho, abordaremos a contestação deste, partindo da ideia transitoriedade pelo luto elaborada por Freud. Assim, discorreremos sobre o fragmento: "Não há muito, eu próprio me defrontei com o fato: parece incrível mas, ao folhear um livro sobre Hitler, comovi-me com algumas das suas fotografias; faziam-me lembrar a minha infância passada durante a guerra" (KUNDERA, p.10). De acordo com Freud, as raízes da vida emocional mergulha-se na infância, reconectar-se com as imagens de Hitler, o eu, Thomas - elaborado por Kundera - revive a sua própria infância, principalmente, ao que retoma, não poder voltar ao tempo, onde

O valor da transitoriedade é o valor da escassez do tempo (...) meu fracasso levou-me a inferir que algum fator emocional poderoso se achava em ação, perturbando-lhes o discernimento, e acreditei, depois, ter descoberto o que era. O que lhe estragou a fruição da beleza, deve ter sido uma revolta em suas mentes contra o luto. A ideia de que toda essa beleza era transitória, comunicou a esses dois espíritos sensíveis uma antecipação do luto pela morte dessa mesma beleza: e, como a mente instintivamente recua de algo que é penoso, sentiram que em sua fruição de beleza interferiam pensamentos sobre a sua transitoriedade" (FREUD, 1996, p.318).

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

Nessa concepção de Freud, o mesmo abarca a noção sobre transitoriedade quando dialoga com amigos, como quando o amigo poeta admirando a beleza da caminhada ao seu entorno, mas não extraia qualquer tipo de emoção alegre, pois, lhe perturbava o pensamento de que toda aquela beleza da caminhada, estava fadada a extinção, onde tudo que poderia ser admirado pareceu-lhe despojado de seu valor por estar ligado à transitoriedade. Correlacionando com o fragmento, onde o mesmo se comove ao rever a fotografia de Hitler, mesmo que simbolicamente, o fez reviver o seu próprio luto, partindo dos traços mnêmicos - registro puro sem carga emocional onde formam-se como os estímulos se inscrevem na memória -, que se associam a esta perda do passado. Esses traços, se formam a partir de uma excitação transmitida por uma percepção, onde dessa percepção, não temos memórias, apenas traços, relatando assim, que as lembranças - como a do próprio Hitler - situam-se no inconsciente. Nesse sentido, esses traços são percepções que estão ligadas por associações, como tal, aconteceu com o eu-Thomas de Kundera ao rever a foto de Hitler.

Neste modelo é exposto que o aparelho mental possui capacidade receptiva ilimitada para novas percepções, registrando delas traços mnêmicos permanentes, embora não inalteráveis (Freud, 1925/1996). Ele divide a maneira de captação e armazenamento das percepções entre o sistema perceptivo (Pcpt.) e o sistema mnêmico. O sistema Pcpt. recebe os estímulos perceptivos, sendo o responsável por suprir a consciência de toda diversidade das qualidades sensoriais. Já o segundo sistema possui memória e transforma as excitações momentâneas em traços permanentes. A memória é a função que se relaciona com esses traços mnêmicos, que são modificações permanentes dos elementos dos sistemas. Estes são responsáveis por registrar e manter as associações, pois as percepções estão mutuamente ligadas na memória, podendo tornar-se conscientes, mas que produzem seus efeitos quando em estado inconsciente (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014, p.4).

Assim, continuando a discutir a segunda parte do fragmento, no qual "(...) diversas pessoas da minha família morreram nos campos de concentração dos nazistas, mas o que eram essas mortes comparadas com uma fotografia de Hitler que me fazia lembrar um tempo perdido da minha vida, um tempo que nunca mais há-de voltar?" (KUNDERA, p.10). Nessa acepção fragmental, o eu-Thomas retrata a perda de diversos entes queridos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), mas sobretudo, retratava o sentimento do luto, ressignificando-o através da mera fotografia. Vislumbra-se uma revolta do eu-Thomas de Kundera, na qual é factual a lembrança desse tempo perdido, um tempo que não irá voltar, mas no qual, o luto, passa a ser constantemente ressignificado na vida adulta. Para Freud:

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

O luto pela perda de algo que amamos ou admiramos se afigura tão natural ao leigo, que ele o considera evidente por si mesmo. Para os psicólogos, porém, o luto constitui um grande enigma, um daqueles fenômenos que por si sós não podem ser explicados, mas a partir dos quais podem ser rastreadas outras obscuridades. Possuímos, segundo parece, certa dose de capacidade para o amor - que denominamos de libido - que nas etapas iniciais do desenvolvimento é dirigido no sentido de nosso próprio ego. Depois, embora ainda numa época muito inicial, essa libido é desviada do ego para objetos, que são assim, num certo sentido, levados para nosso ego. Se os objetos forem destruídos ou se ficarem perdidos para nós, nossa capacidade para o amor (nossa libido) será mais uma vez liberada e poderá então ou substituí-los por outros objetos ou retornar temporariamente ao ego. Mas permanece um mistério para nós o motivo pelo qual esse desligamento da libido de seus objetos deve constituir um processo tão penoso, até agora não fomos capazes de formular qualquer hipótese para explicá-lo. Vemos apenas que a libido se apega a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam, mesmo quando um substituto se acha bem à mão. Assim é o luto (1996, p.318).

Então, o luto para Freud acaba sendo essa ressignificação cíclica das perdas apegadas intimamente ao libido. Deste modo, o último fragmento constitui essa recapitulação, onde "(...) Esta minha reconciliação com Hitler deixa entrever a profunda perversão inerente ao mundo fundado essencialmente sobre a inexistência de retorno, porque nesse mundo tudo se encontra previamente perdoado e tudo é, portanto, clinicamente permitido" (KUNDERA, p.10). Esta reconciliação com Hitler que Thomas se adverte, acaba sendo a reconciliação com seu próprio passado, mesmo que entreva essa profunda perversão que o mesmo salienta - aqui, estabelecendo o ideal pré-conceito de perversão de conotação negativa de desvio psicosexual. Usufruindo dos contornos de Freud acerca do complexo tema da perversão, a criança, aqui salientada por Thomas, em releitura, é um perverso polimorfo, capaz de assumir diversas formas dentro do contexto que se encontra. Como não temos acesso às memórias recriadas de Thomas-criança por Kundera, se mostra impossível a compreensão acerca das manifestações da sexualidade do mesmo; análogo à isso, ao desenvolvimento do romance, captamos algumas questões intimamente ligada ao libido da persona de Thomas, como a dificuldade de se relacionar sexualmente em sua própria cama. Ademais, cabe à esse texto, compreender essa profunda perversão que o mesmo relata em relação ao mundo que é fundado essencialmente sobre a inexistência do retorno. Thomas trabalha isso com o ideal do retorno temporal já mencionado anteriormente, mas para Freud, captando a ideia de transitoriedade, assim como Nietzsche, no eterno retorno - a

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

compreensão que, o fato que a libido se apegue às pessoas e objetos que estão ao presente, se pegam com mais intensidade ao que sobrou, pois isso, detém valor simbólico do luto sobre o que se perdeu. “Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio, e nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais, preciosos” (FREUD, p.318-319).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Thomas relata sobre a inexistência do retorno temporal, o mesmo acabava por abater-se sentimentalmente acerca de todos os acontecimentos terríveis que aconteceram durante a guerra. Tal como Freud e Nietzsche, Thomas, ao questionar-se acerca de tanta barbárie vislumbrada sobre a guerra, demonstra um constante desapeço sobre o mundo que vive, onde tudo parece estar previamente perdoado e tudo é permitido, por consequência de que muitas vezes a transitoriedade e o retorno, reaparecem e se ressignificam em ciclos da sociedade, e não só do comum social, mas pelo próprio sujeito, aqui, personificado por Thomas. Ao configurar a pergunta estabelecida nesse trabalho, como o luto se ressignifica dentro da lógica da transitoriedade, podemos verificar que, o enlutamento é parte constitutiva da vida do sujeito, desde suas primeiras perdas dentro da enunciação e relação afetiva da sua concepção, até as primeiras perdas simbólicas, como o desmame, ou até a perda de alguém importante em sua vida. Dentro da lógica da transitoriedade, o luto torna-se parte constitutiva da nossa vida, ressurge de diversas maneiras; na transição linear do tempo, das dinâmicas do sujeito e da sociedade, podemos encontrar padrões, que sobretudo, estabelecem-se como ciclos de uma dimensão temporal única das nossas próprias realidades. Cabe assim, ao sujeito, compreender esses processos e vislumbrá-lo como parte integrativa e constitutiva da vida, onde o luto, a perda, se configura nesse eterno retorno. Em Aurora, Nietzsche ressalva Hegel, e refletindo sobre a lógica pessimista do retorno, elabora que “[a] contradição move o mundo, todas as coisas contradizem a si mesmas” (2016, p.12).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Pâmela Pitágoras Freitas Lima; MAGALHAES, Livia Diana Rocha. O conceito de memória na obra freudiana: breves explicações. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 109-118, jun. 2014. Disponível em . Acesso em 15 de jun de 2019.

FREUD, Sigmund. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.